

MONTAIGNE: A CRÍTICA À NARRATIVA RACIONAL DE DEUS

MONTAIGNE: THE CRITIQUE OF THE RATIONAL NARRATIVE OF GOD

Luiz Fernando Pires Dias¹

RESUMO:

O objetivo deste artigo é examinar os limites da razão, no que diz respeito ao conhecimento de Deus, apontados por Montaigne no ensaio *Apologia de Raymond Sebond*. Segundo o filósofo, tais limites resultam em um discurso sobre Deus de cunho eminentemente antropomórfico. De forma adjacente, Montaigne aponta a falibilidade da razão humana e o desmesurado e paradoxal orgulho do homem em relação a sua capacidade epistêmica.

Palavras-chave: Deus; Montaigne; Razão; Religião.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to examine the limits of reason, with regard to the knowledge of God, pointed out by Montaigne on his essay *Apology of Raymond Sebond*. According to the philosopher, such limits result in a discourse about God with an eminently anthropomorphic character. Adjacently, Montaigne points the fallibility of human reason and unmeasured and paradoxical pride of man in relation to his epistemic capacity.

Key words: God; Montaigne, Reason, Religion.

A filosofia de Montaigne é refratária a qualquer classificação ou enquadramento, exprimindo um pensamento que perpassou, de forma leve, livre e original, tudo aquilo que se ofereceu como objeto de reflexão. Longe da segurança dos modelos e da erudição da retórica convencional, Montaigne inaugurou um novo gênero literário e filosófico ao abordar os mais variados assuntos, desde os mais triviais aos de maior densidade, através de uma narrativa peculiar e inovadora, estabelecendo uma pluralidade inusitada de temas na filosofia. Tudo o que se refere ao gênero humano foi alvo de sua atenção, como observa Boudou: “Todos os fatos humanos o interessam, os costumes, os modos de vida, tudo o que dizem ou fazem os homens, do mais absurdo ao mais sensato”².

Pluralidade também é um atributo que pode ser empregado frente às várias perspectivas sob as quais o pensamento de Montaigne se delineou, pois, longe de princípios últimos ou

¹ Mestre em Ciências da Religião e Bacharel em Filosofia pela PUC-Minas. E-mail: l.ferna@ig.com.br.

² *Tous les faits humains l'intéressent, les moers, les genres de vie, tout ce que disent ou font les hommes, le plus absurde comme le plus sensé* (BOUDOU, 2001, p.44).

definitivos, os objetos de seu juízo foram abraçados por ângulos de visão múltiplos e, não raras vezes, contraditórios, como esclarece o próprio filósofo a respeito de sua obra:

Este é o registro de acontecimentos diversos e mutáveis e de pensamentos indecisos e, se calhar, opostos: ou porque eu seja outro eu, ou porque capte os objetos por outras circunstâncias e considerações. Seja como for, talvez me contradiga; mas [...], não contradigo a verdade³.

Sobre a coragem de Montaigne em não mascarar as possíveis ambiguidades presentes em seu pensamento, Comte-Sponville observa que: “Sua coerência não é a de um sistema, mas de um indivíduo, não de um discurso, mas de uma progressão”⁴.

A matéria dos *Ensaaios* é o seu próprio autor, conforme advertência contida na primeira edição da obra: “Quero que me vejam aqui em minha maneira simples, natural e habitual, sem apuro e artifício: pois é a mim que pinto”⁵. Apesar de tal aviso, engana-se quem julga se tratar de uma obra introspectiva, uma autobiografia ou, até mesmo, de um expediente de autopromoção. Longe disso, Montaigne ao retratar-se através de suas experiências frente ao mundo, ultrapassa o âmbito individual, descrevendo a própria natureza humana, comum a todos os homens⁶. Ao defrontarmos com Montaigne nos *Ensaaios*, na verdade, encontramos diante do homem em geral.

Nos *Ensaaios*, o conhecimento de si próprio, de inspiração socrática, é, sobretudo, a consciência de uma ignorância original, que faz do homem o centro da formação do sentido, em um contexto de abertura, distante dos conceitos pré-estabelecidos. A filosofia de Montaigne se desenvolveu em um constante exercício de julgamento, que promoveu a interação com o outro, com as coisas e com o mundo, em um viés não preconceituoso, perfazendo uma postura filosófica que, antes de excluir, privilegiou a alteridade.

Nas palavras de Birchal “[...] em Montaigne, o indivíduo está sempre diante do outro [...]”⁷, postura que favoreceu o diálogo, unidade estrutural subjacente a toda a obra do filósofo. O diálogo é manifesto nos *Ensaaios* através do estilo íntimo e envolvente de Montaigne, que sugere ao leitor a participação em uma conversa pessoal, suscitando a interação com as ideias do autor. O diálogo também pode ser notado por meio da interlocução que o autor estabelece com filósofos do passado, através de numerosas citações e

³ ENSAIOS III, p.27-28.

⁴ COMTE-SPONVILLE, 2008, p.76.

⁵ ENSAIOS I, p.4.

⁶ ENSAIOS III, p.28.

⁷ BIRCHAL. 2007, p.28.

comentários. Por fim, o pensamento de Montaigne estabelece um constante diálogo com ele mesmo, através das autocorreções e das novas perspectivas e significações endereçadas aos assuntos já abordados, personificando, de forma notável, a elaboração de Sócrates, no *Teeteto* de Platão, de que o pensar é um diálogo da alma consigo própria⁸. Para Thibaudet:

O eu de Montaigne é um eu vivente, na medida em que ele faz do indivíduo Montaigne o primeiro homem moderno que conhecemos em detalhe. Esse eu foi bem sucedido, nos *Ensaio*s, porque ele é totalmente o contrário de um eu solitário e incomunicável, porque ele é feito e formado pelo espírito de diálogo, quer dizer que ele é, sobretudo, um eu humano, no qual, por um destino extraordinário, os leitores mais diferentes, os temperamentos mais contrários, puderam se reconhecer⁹.

Abordar uma obra assistemática e que comporta em seu transcurso transformações de pontos de vista não é tarefa fácil. Se múltiplas são as perspectivas esposadas por Montaigne na composição de seus *Ensaio*s, variadas são as interpretações suscitadas pela obra. O presente estudo não abordará tais discussões, nem irá colocar em questão possíveis intenções implícitas do autor, limitando-se a percorrer o caminho do filósofo em seu questionamento sobre as possibilidades da razão no conhecimento e na narrativa de Deus.

Centrada no ensaio *Apologia de Raymond Sebond*, Capítulo XII do Livro II dos *Ensaio*s, esta investigação será desenvolvida em quatro etapas. O ponto de partida será o exame da diferenciação estabelecida por Montaigne entre fé e razão. Em seguida, abordaremos a crítica que o filósofo endereça às vaidades concernentes à razão humana, incluindo o questionamento sobre supremacia do homem, enquanto portador de razão, em relação aos animais. Posteriormente, buscaremos as elaborações do filósofo em relação ao discurso racional sobre Deus. Por fim, teceremos algumas considerações sobre Montaigne e sobre a perspectiva por ele desenvolvida.

A oposição entre razão e fé

A *Apologia de Raymond Sebond*, o capítulo mais longo dos *Ensaio*s, apresenta como questão fundamental a contraposição entre fé e razão, tendo como pano de fundo a

⁸ Conforme as palavras de Sócrates em *Teeteto* (189e-190a): “[...] é assim que imagino a alma no ato de pensar: formula uma espécie de diálogo para si mesma com perguntas e respostas, ora para afirmar ora para negar” (PLATÃO, 1988, p. 68).

⁹ *Le moi de Montaigne est un moi vivant en tant qu'il fait de l'individu Montaigne le premier homme moderne que nous connaissions par le détail. Ce moi a réussi, dans les Essais, parce qu'il est tout le contraire d'un moi solitaire et incommunicable, qu'il est apporté et formé par l'esprit du dialogue, c'est-à-dire qu'il est surtout un moi humain, où, par une destinée extraordinaire, les lectures les plus différents, les tempéraments les plus contraires, ont pu se reconnaître.* (THIBAUDET, 2007, p.9)

interrogação sobre as possibilidades epistêmicas da razão humana. Trata-se do ensaio no qual “[...] encontra-se a maior exposição do ceticismo antigo feita por Montaigne”¹⁰.

O ensaio possui o escopo inicial de responder as objeções dirigidas ao livro *Teologia Natural*¹¹, escrito pelo teólogo catalão Raymond Sebond, obra que Montaigne havia traduzido do latim para o francês, a pedido de seu pai. O ousado objetivo da obra de Sebond era “[...] estabelecer e demonstrar contra os ateístas todos os artigos da religião cristã, por meio de razões humanas e naturais [...]”¹². As críticas dirigidas a Sebond afirmaram que: “[...] os cristãos estão errados em querer apoiar com razões humanas sua crença [...]”¹³ e, também, que: “[...] seus argumentos são fracos e inadequados para demonstrar o que ele pretende [...]”¹⁴.

A justificação dos argumentos de Sebond por parte Montaigne não se concretizará na realidade, pois, conforme afirma Burke, trata-se de uma defesa que “[...] é, na realidade, precisamente o contrário: uma demolição cética das pretensões da razão humana”¹⁵. Tal demolição será iniciada com a afirmação da total alteridade divina, sendo pontuada a infinita distância existente entre Deus e homem.

Montaigne, logo no início do ensaio, demarca uma importante posição, sublinhando a impossibilidade de um conhecimento puramente racional acerca dos mistérios da religião, apontando o auxílio gratuito de Deus como condição basilar ao conhecimento das coisas divinas. Diz o filósofo:

No entanto julgo assim: que numa coisa tão divina e tão elevada, e que ultrapassa de longe o entendimento humano, como o é essa verdade com a qual aprouve à bondade de Deus iluminar-nos, é muito necessário que ele continue a prestar-nos seu auxílio, por um favor extraordinário e privilegiado, para a podermos conceber e abrigar em nós; e não creio que os recursos puramente humanos sejam capazes disso [...]. É tão somente a fé que abarca vivamente e verdadeiramente os altos mistérios da religião¹⁶.

Contudo, é apressado tirar por conclusão que Montaigne negaria à razão qualquer papel na abordagem da religião. Parece-nos que, mais do que pretender a abdicação absoluta

¹⁰ LOQUE, 2012, p.111.

¹¹ O título original da obra é *Scientia libri creaturarum seu naturae et de homine*, sendo *Teologia Natural* o título popularizado por Montaigne (BIRCHAL, 2006, p. 231).

¹² ENSAIOS II, p.163.

¹³ ENSAIOS II, p.163.

¹⁴ ENSAIOS II, p.175.

¹⁵ BURKE, 2006, p.34.

¹⁶ ENSAIOS II, p.164.

da razão no que diz respeito ao âmbito religioso, a perspectiva de Montaigne situa o *lógos* em um *tópos* mais modesto do que aquele que lhe fora habitualmente conferido. Segundo o filósofo: “É preciso [...] acompanhar nossa fé de toda a razão que existe em nós, mas sempre com a ressalva de não pensar que seja de nós que ela depende nem que nossos esforços e argumentos possam atingir uma tão sobrenatural e divina ciência”¹⁷.

Para Montaigne, colocar todos os nossos recursos a serviço da fé é uma iniciativa louvável, entretanto, tais recursos serão sempre insuficientes para atingir o pleno conhecimento das coisas divinas, pois Deus é total transcendência, pura ininteligibilidade, que foge ao domínio da razão humana.

Montaigne avalia a fé verdadeira como oriunda de inspiração divina e coloca em questionamento a religião existente, afirmando que se a relação com Deus tivesse sua origem em uma fé viva¹⁸, o crente não ficaria à mercê das circunstâncias, como normalmente ocorre. Segundo ele, a verdadeira crença escapa ao homem, submersa em um oceano de intenções e paixões: “Uns levam o mundo a acreditar que creem naquilo que não creem. Outros, em maior número, levam-se a si mesmos a acreditarem nisso, não sabendo entender o que é crer”¹⁹.

Na crítica ao contexto religioso, Montaigne ressalta que a devoção costuma ser guiada pelas paixões, provocando um efeito inverso ao pretendido pela vida religiosa. A religião que inicialmente teria por objetivo a supressão dos vícios, na prática, acaba por fomentá-los²⁰.

Montaigne conclui que as inclinações religiosas são frutos das circunstâncias humanas e do acaso histórico e geográfico: “Somos cristãos a mesmo título que somos perigordinos ou alemães”²¹. Trata-se de uma constatação que vem carregada de crítica, pois, para Montaigne, a atitude religiosa deveria estar desvinculada das razões e das paixões humanas, tendo um caráter mais genuíno quando engendrada a partir da experiência pessoal com o sagrado, ou, nas palavras do filósofo: a partir “[...] de um amplexo divino e sobrenatural, tendo apenas uma forma, uma fisionomia e um aspecto, que é a autoridade de Deus e sua graça”²².

Apoiado na premissa de que a graça divina é capaz de permitir ao homem um ultrapassamento, uma elevação acima de si mesmo, Montaigne observa que a reflexão humana, cuja natureza é “[...] pesada e estéril [...]”²³, ganha forma e conteúdo quando

¹⁷ ENSAIOS II, p.164.

¹⁸ ENSAIOS II, p.164.

¹⁹ ENSAIOS II, p.166.

²⁰ ENSAIOS II, p.169.

²¹ ENSAIOS II, p.170.

²² ENSAIOS II, p.172.

²³ ENSAIOS II, p.173.

iluminada pela fé, sendo este o caso dos argumentos de Sebond que, impregnados de fé, tornaram-se sólidos e plenos de valor.

Portanto, mesmo desenvolvendo argumentos que se mostram, inicialmente, alinhados aos críticos de Sebond, Montaigne, amparado em um entendimento religioso, acaba por justificar Sebond, conferindo legitimidade ao uso da razão na esfera religiosa, quando este uso é inspirado pela fé, respondendo assim à primeira objeção dirigida a Sebond.

A aproximação entre homens e animais

Aos segundos opositores de Sebond, que se basearam na suposta fragilidade dos argumentos expostos na *Teologia Natural*, Montaigne atribuiu maior periculosidade, por não partirem de uma posição piedosa como a dos primeiros objetores, fundamentando suas posições na majestosa autoridade conferida à razão humana. O filósofo propõe-se, então, a combater o caráter inerrante conferido ao cálculo racional, buscando “[...] quebrar e calcar aos pés o orgulho e a altivez humana”²⁴. O caminho a ser seguido por Montaigne, conforme escreveu Loque, “[...] é empregar a razão tomada isoladamente, verificar nela própria quais são suas virtudes e potencialidades [...]”²⁵. O argumento piedoso empregado na resposta aos primeiros objetores de Sebond não será mais utilizado e o diálogo passará a ser travado no próprio campo da razão. Portanto, trata-se de uma crítica à razão, produzida no âmbito e com os instrumentos fornecidos pela própria razão, contexto no qual Montaigne questionará as possibilidades e os limites do conhecimento humano.

A arrogância do homem em relação ao saber racional é censurada por Montaigne por meio de contundentes elaborações, tais como: “A peste do homem é a suposição de que sabe”²⁶. O filósofo se mostra avesso às verdades baseadas nos argumentos de autoridade, de grande aceitação em sua época, segundo ele: “[...] a verdade não se julga por autoridade e testemunho de outrem”²⁷.

Para Montaigne, a presunção é uma grave enfermidade original do homem, que tomado por seus devaneios, eleva fantasiosamente sua própria condição, equiparando-se a Deus, julgando-se apartado do restante da criação. Montaigne questiona a centralidade e precedência do homem no contexto da criação, interrogando, também, a própria concepção antropológica,

²⁴ ENSAIOS II, p.175.

²⁵ LOQUE, 2012, p.118.

²⁶ ENSAIOS II, p.233.

²⁷ ENSAIOS II, p.261.

prevalente na tradição ocidental, que considera o homem como portador único da capacidade de julgamento e consciência.

Conforme Montaigne, o julgamento que fazemos dos animais é falho e pretensioso, porquanto desprovido do conhecimento de seus movimentos e motivações internas. Para corroborar tal julgamento, o filósofo elabora interrogações que criticam nosso hábito de, na comparação entre homens e animais, tirar de efeitos finais semelhantes, conclusões distintas, em prol de uma pretensa superioridade humana: “Quando brinco com minha gata, quem sabe se ela não se distrai comigo mais que eu com ela?”²⁸, ou, em relação às raposas das quais se utilizavam os habitantes da Trácia para identificar, através da audição, o local mais seguro para a travessia de um rio congelado, o filósofo pergunta como podemos ter certeza que a raposa não se utiliza do seguinte raciocínio lógico: “O que faz barulho se move; o que se move não está congelado; o que não está congelado é líquido e o que é líquido arqueia com o peso?”²⁹.

Na perspectiva do filósofo, o lugar privilegiado do homem na escala da criação, fundamentado na utilização da razão, em contraposição ao instinto natural atribuído aos animais, perde o caráter inequívoco e a solidez que lhe foram conferidos na antiguidade e no humanismo renascentista. Reforçando a impossibilidade de diferenciação entre os conceitos “homem” e “animal”, a partir do uso da razão, Montaigne, elabora a seguinte assertiva: “[...] há mais diferença entre um homem e outro homem do que entre um animal e um homem”³⁰.

Avaliamos que não se trata da proposição de uma nova visão antropológica, mas sim da afirmação acerca da possibilidade de novas interpretações, de pontos de vistas díspares, mas não necessariamente excludentes, em relação às habituais concepções que formulamos de homem e de animal. Birchall afirma que: “Dada a variedade de nossa experiência, dadas as diferenças entre os seres humanos, dado o nosso desconhecimento da essência das coisas, a generalização ‘homem’ ou ‘animal’ não passa de um nome que, como todos os nomes, não revela a ordem do ser”³¹. Portanto, podemos inferir que se as aquisições da razão e da linguagem exibem limitações em relação às coisas que estão ao nosso alcance imediato, em relação a Deus esta limitação apresenta uma dimensão mais profunda, atingindo os limites do intransponível.

²⁸ ENSAIOS II, p.181.

²⁹ ENSAIOS II, p.193.

³⁰ ENSAIOS II, p.201.

³¹ BIRCHALL, 2006, p.236.

O conhecimento e a narrativa sobre Deus

Toda a argumentação desenvolvida por Montaigne na *Apologia* está pautada na afirmação da absoluta separação entre Deus e o homem, observando com bons olhos as concepções não redutoras, que respeitam a total alteridade divina. Segundo o filósofo:

De todas as ideias humanas e antigas no tocante à religião, parece-me haver tido mais verossimilhança e mais justificativa aquela que reconhecia Deus como um poder incompreensível, origem e conservador de todas as coisas, todo bondade, todo perfeição, recebendo e levando a bem as honras e a reverência que os humanos lhe prestavam sob qualquer aparência, sob qualquer nome e da maneira que fosse [...] ³².

As tentativas de compreensão plena em relação à divindade estão sempre fadadas ao insucesso, pois elas têm, necessariamente, como pontos de partida os limitados instrumentos da razão e da linguagem humana. Portanto, o juízo humano, quando dirigido às coisas relativas ao sagrado, promove uma adequação redutora do nome extraordinário de Deus às limitações da razão. Segundo Montaigne:

Dizemos que Deus teme, que Deus se encoleriza, que Deus ama, ‘expressando em termos mortais coisas imortais’, tudo isso são agitações e emoções que não podem existir em Deus segundo nossa maneira de ser, nem podemos imaginá-lo segundo a dele. Somente a Deus cabe conhecer-se e interpretar suas obras ³³.

O homem, através das religiões, sempre forjou múltiplas concepções do sagrado, tarefa que, também, foi ensaiada pela filosofia, desde Tales de Mileto quando “[...] considerou Deus como um espírito que da água fez todas as coisas [...]” ³⁴. No transcorrer do tempo, vários filósofos refletiram sobre Deus e sobre as coisas divinas, entretanto o Deus por eles pensado sempre foi um Deus adequado à razão, correspondendo a conceitos que não alcançaram a transcendência, pois conforme afirma Montaigne: “Se há algo de meu, nada há de divino” ³⁵. As tentativas na tematização do sagrado são ironizadas por Montaigne, através da seguinte afirmação: “O homem é mesmo insensato. Não conseguiria forjar um caruncho e forja deuses às dúzias” ³⁶.

A tentativa de exprimir o inexprimível, de conceituar o absoluto, sempre se esbarra nos limites da finitude humana. Conforme o filósofo: “O homem só pode ser o que é, e imaginar

³² ENSAIOS II, p.270.

³³ ENSAIOS II, p.250.

³⁴ ENSAIOS II, p.272.

³⁵ ENSAIOS II, p.278.

³⁶ ENSAIOS II, p.296.

de acordo com sua medida”³⁷, significando que qualquer elaboração de Deus estará, inevitavelmente, restrita à precariedade da razão humana.

Se o conhecimento sobre Deus é inalcançável ao homem, sua narrativa também o é, ou seja, se Deus é incognoscível, na mesma medida, também é indizível de maneira plena. Deus não é passível de uma determinação discursiva apropriada, pois as palavras têm restrições e não podem ser confundidas com as próprias coisas que designam. Segundo Montaigne: “Nosso falar tem suas fraquezas e seus defeitos, como todo o restante. A maior parte das causas das desordens do mundo é gramatical”³⁸.

O caráter relativo e parcial das palavras é um impeditivo na subordinação do Absoluto ao nosso sistema linguístico. Como afirma Montaigne, não é “[...] certo ocultar assim o poder divino sob as leis de nossas palavras”³⁹. Nomear o infinito já é perder seu caráter de transcendência.

Na *Apologia*, Montaigne destaca a arrogância do homem em tentar trazer Deus à medida humana através da linguagem, buscando enquadrá-lo aos seus atributos e conceitos. O homem só é capaz de conhecer através de sua efêmera condição humana, não lhe cabendo discorrer sobre a atemporalidade ou sobre o Absoluto, sob a pena de recorrer a devaneios e fanatismos.

Assim sendo, qualquer elaboração humana acerca do Absoluto é, necessariamente, transitória, pois como afirma Montaigne: “Todas as coisas produzidas por nossa própria razão e capacidade, tanto as verdadeiras como as falsas, estão sujeitas a incerteza e a debate”⁴⁰.

A própria razão, que na antiguidade filosófica foi alçada ao patamar de essência do homem, perde este status na perspectiva de Montaigne:

Chamo sempre de razão essa aparência de raciocínio que cada qual forja em si - essa razão por cuja condição pode haver cem raciocínios contrários em torno de um mesmo assunto, é um instrumento de chumbo e de cera, alongável, dobrável e adaptável a todas as perspectivas e a todas as medidas; é preciso a habilidade de saber dar-lhe contorno⁴¹.

³⁷ ENSAIOS II, p.281.

³⁸ ENSAIOS II, p.291.

³⁹ ENSAIOS II, p.291.

⁴⁰ ENSAIOS II, p.330.

⁴¹ ENSAIOS II, p.349.

Na opinião de Montaigne, seguindo a intuição socrática, o mais prudente juízo sobre as coisas celestes é não ter juízo algum a respeito⁴², porquanto “não temos nenhuma comunicação com o ser [...]”⁴³, não cabendo ao homem determinar a Deus a partir de si mesmo.

Montaigne conclui que Deus é o único que realmente é, no contexto de uma atemporalidade inacessível ao homem, que só pode apreender as coisas de acordo com as limitações de sua natureza. A elevação às coisas celestes só se dará através da renúncia aos meios puramente humanos e da entrega voluntária à ajuda extraordinária de Deus⁴⁴.

Considerações finais

Montaigne, com sua escrita inédita e com sua perspectiva ímpar, angariou grande influência em sua época e em períodos posteriores. Ele influenciou vários filósofos e escritores, como Descartes, Pascal, Rousseau e Shakespeare, dentre outros. Citaremos, em especial, as significativas palavras sobre Montaigne, proferidas por dois pensadores referenciais na reflexão sobre a questão de Deus. Lévinas citou Montaigne como um de seus mestres, em entrevista a Saint-Cheron: “[...] Montaigne, Descartes, Pascal, Bergson, esses passantes que carregam tanta gente, tantas coisas, tantos insumos, na sua imortalidade, e lhes conferem assim sua dignidade [...]”⁴⁵. Nietzsche afirmou, na terceira das *Considerações Intempestivas (Schopenhauer como Educador)*, que: “Não conheço senão um escritor que, por honestidade, eu coloco tão elevadamente, senão mais, do que Schopenhauer: é Montaigne. Na verdade, pelo fato de que tal homem tenha escrito, o prazer de viver nesta terra foi aumentado”⁴⁶. Os pensadores que sofreram a influência de Montaigne e as expressivas opiniões de Lévinas e de Nietzsche podem nos dar a dimensão da importância do filósofo na história do pensamento ocidental.

Avaliamos que hoje Montaigne está menos presente nas discussões filosóficas do que mereceria estar. Trata-se de um filósofo que pode fornecer importantes contribuições às questões atuais, pois seu pensamento não se deixou perder no afã de fornecer e defender

⁴² ENSAIOS II, p.304.

⁴³ ENSAIOS II, p.403.

⁴⁴ ENSAIOS II, p.406-407.

⁴⁵ [...] *Montaigne, Descartes, Pascal, Bergson, ces passants qui emportent tant de gens, de choses, de terreaux, dans leur immortalité, et leur confèrent ainsi leur dignité [...]*(LÉVINAS, 2006, p.51).

⁴⁶ NIETZSCHE, 2003, p. 148.

verdades incondicionais, priorizando a busca incansável pela verdade, através do exercício constante do julgamento, marca indelével de sua filosofia.

No que se refere à *Apologia de Raymond Sebond*, entendemos que a crítica de Montaigne à razão parece ter como alvo, mais do que propriamente a razão, uma determinada espécie de racionalidade de natureza dogmática e determinativa, que tem como pretensão dizer e demonstrar a essência das coisas. Os *Ensaaios* não estabelecem um discurso determinativo, jamais ambicionando impor uma verdade definitiva, pois conforme afirma Montaigne: “Se minha alma pudesse firmar-se, eu não ensaiaria: decidir-me-ia; ela está sempre em aprendizagem e em prova”⁴⁷. Trata-se de um pensamento em giro permanente, que segundo o filósofo, não retrata o ser, retrata a passagem⁴⁸.

Julgamos que Montaigne, ao afirmar a falibilidade da razão humana, não defende uma impossibilidade total de conhecimento, nem o relativismo, segundo o qual não haveria distinção entre o certo e o errado, ou entre o verdadeiro e o falso. Antes disso, a concepção de Montaigne adverte para não atribuímos valores absolutos às nossas crenças, incitando a um exercício contínuo do juízo, longe da estagnação das falsas certezas.

Portanto, não se trata de falta de consistência ou de ausência de coerência em Montaigne, mas sim de um pensamento que se apresenta mais compromissado com a verdade, que com suas conclusões provisórias, caracterizando-se pela ousadia em se desenvolver inserido em um contínuo contexto de evolução autocorretiva, pois segundo o Montaigne:

O mundo não é mais que um perene movimento. Nele todas as coisas se movem sem cessar: a terra, os rochedos do Cáucaso, as pirâmides do Egito, e tanto com o movimento geral como com o seu particular. A própria constância não é outra coisa senão um movimento mais lânguido⁴⁹.

No que diz respeito ao discurso sobre Deus, o filósofo apontou a absoluta precariedade cognitiva contida em uma definição de Deus como substância e a incongruência no enquadramento do Absoluto em uma insuficiente relação sujeito e objeto. Montaigne assinalou e repudiou a antropomorfização da teologia, adotando uma postura de abertura, respeitando a total alteridade divina.

Contudo, sustentar a impossibilidade de um conhecimento e de uma narrativa plena de Deus não significa considerá-lo em um horizonte de total incompreensibilidade,

⁴⁷ ENSAIOS III, p.28.

⁴⁸ ENSAIOS III, p.27.

⁴⁹ ENSAIOS III, p.27.

constituindo, antes, uma advertência contra as demarcações religiosas definitivas e contra o fanatismo, calcados em pretensas certezas.

O posicionamento crítico em relação às intransigências e aos dogmatismos de cunho religioso, empreendidos em uma época repleta de querelas neste campo⁵⁰, fez dos *Ensaio*s de Montaigne um verdadeiro hino de exaltação à tolerância, que ressoa forte ainda hoje em nossos tempos.

REFERÊNCIAS

BIRCHAL, Telma de Souza. As razões de Montaigne. *Síntese: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v.33, n. 106, 2006, p. 229-246.

_____. *O eu nos ensaios de Montaigne*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOUDOU, Bénédicte. *Essais (1580-1588): Michel de Montaigne*. Paris: Harier, 2001 (Profil d'une Oeuvre)

BURKE, Peter. *Montaigne*. São Paulo: Loyola, 2006. (Mestres do pensar).

PLATÃO. *Teeteto-Crátilo*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.

LOQUE, Flavio Fontenelle. *Ceticismo e religião no início da modernidade: a ambivalência do ceticismo cristão*. São Paulo: Loyola, 2012.

COMTE-SPONVILLE, André. *Valor e verdade: estudos cínicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAINT-CHERON, Michaël. *Entretiens avec Emmanuel Levinas 1992-1994 suivis de Levinas entre philosophie et pensée juive*. Paris: Librairie Générale Française, 2006.

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios - Livro I*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Os ensaios - Livro II*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Os ensaios - Livro III*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: PUC Rio. São Paulo: Loyola, 2003.

THIBAUDET, Albert. *Place des «Essais»*. Paris: Gallimard, 2007.

⁵⁰ Só para exemplificarmos: o Massacre da noite de São Bartolomeu ocorreu em agosto de 1572, quando Montaigne tinha a idade de 39 anos.